

CIÊNCIA, OPINIÃO E *FAKE NEWS* EM TEMPOS DE CORONAVÍRUS: CONCEPTUALIZAÇÕES EM MEMES SOB A ABORDAGEM DA LINGUÍSTICA COGNITIVA

*SCIENCE, OPINION AND FAKE NEWS IN TIMES OF THE CORONAVIRUS:
CONCEPTUALIZATIONS IN MEMES UNDER COGNITIVE LINGUISTICS APPROACH*

Aurelina Ariadne Domingues Almeida¹, Elisângela Santana dos Santos²

¹ Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, BA, Brasil
ada.domingues@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-9641-2530>

² Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Alagoinhas/Salvador, BA, Brasil
elisangelasantana2008@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-7869-3746>

Recebido em 11 jul. 2020

Aceito em 10 ago. 2020

Resumo: São apresentados resultados de um estudo empreendido sobre as conceptualizações de ciência, opinião e *fake news* em memes que foram publicados na rede social on-line Facebook. Para a realização dessa pesquisa, foram adotados pressupostos teóricos da Linguística Cognitiva, de modo que foram produzidos diálogos com autores, a exemplo de Geeraerts (2006), Goossens (2002), Lakoff e Johnson (1980), Johnson (1987), Lakoff (1987), Lakoff e Turner (1989), Forceville (2009), Peña Cervel (2012) e Kövecses (2009), entre outros pesquisadores. No que concerne ao seu desenho metodológico, foi utilizada uma abordagem qualitativa do corpus, que, por sua vez, foi constituído por dois memes coletados da referida rede social; além disso, o trabalho realizado teve natureza exploratória, descritiva e interpretativa. Entre os resultados alcançados, concluímos que os elementos verbais e os pictóricos, usados nos memes constituintes do corpus, inter-relacionaram-se, de modo a possibilitar a elaboração de sentidos pelos seus possíveis leitores-conceptualizadores; ademais, verificamos que as conceptualizações postas em pauta foram estruturadas por metáforas, como CIÊNCIA É JOGO, CIÊNCIA É SER HUMANO e, também, por MAIOR É MELHOR, MENOR É PIOR, BOM É PARA DIREITA, RUIM É PARA ESQUERDA; por metonímias, do tipo PARTE PELO TODO, como RACIONALIDADE POR CIÊNCIA e EMOÇÃO POR FAKE NEWS, e por esquemas de imagens, a exemplo de FORÇA, ORIGEM-PERCURSO-META, CONTATO, entre outros.

Palavras-chave: Ciência. Opinião. *Fake News*. Linguística Cognitiva. Meme.

Abstract: This paper shows results of the conceptualizations of science, opinion and fake news in memes study that were published on the online social network Facebook. Therefore, theoretical assumptions of Cognitive Linguistics were adopted, in a way that were produced dialogues with authors, such as Geeraerts (2006), Goossens (2002), Lakoff and Johnson (1980), Johnson (1987), Lakoff e Turner (1989), Lakoff (1987), Forceville (2009), Peña Cervel (2012) and Kövecses (2009), among other researchers. For the methodological design, a qualitative approach of the corpus, which was constituted by two memes collected from there ferred social network, was used. In addition, the work has exploratory, descriptive and interpretive nature. Among the achieved results, we conclude that the verbal and pictorial elements used in the memes of the corpus are interrelated, in a way that enables the elaboration of meanings by its possible readers-conceptualizers. Moreover, we verified that these conceptualizations were structured by metaphors, such as SCIENCE IS A GAME, SCIENCE IS HUMAN BEING and, also, BIGGER IS BETTER, SMALLER IS WORST, GOOD IS FOR RIGHT, BAD IS FOR LEFT, by metonymies, type ONE FOR ALL, as RATIONALITY FOR SCIENCE and EMOTION FOR FAKE NEWS, and for image schemes, such as FORCE, ORIGIN-ROUTE-GOAL, CONTACT, among others.

Keywords: Science. Opinion. Fake News. Cognitive Linguistics. Meme.

PARA SITUAR E INAUGURAR A DISCUSSÃO

Atualmente, vive-se, em todo planeta, uma pandemia gerada por um vírus desconhecido, até finais do ano passado: o SARS-CoV-2, o chamado novo coronavírus, que, em interação com o ser humano, gera a Covid-19, doença que ocasiona no paciente um quadro clínico, compreendendo desde infecções assintomáticas a graves problemas respiratórios. Apesar de não levar a níveis altos de mortalidade, essa doença está ceifando centenas de milhares de vidas.

No Brasil, enquanto escrevemos este artigo já perfazem 70.524 mortes¹, sem expectativa de ampla redução da mortandade nos próximos dias ou até mesmo meses. Diante desse panorama, a ciência e os cientistas passam a desempenhar o papel de protagonistas, já que todos esperam encontrar um medicamento eficiente, bem como desejam que eles façam uma vacina eficaz e segura para conter essa doença que, em franca expansão, já passa por uma segunda onda, em países, como China, e avança em direção a um primeiro pico, em outros, como o próprio Brasil.

Aqui, embora não seja um quadro exclusivo do país, agrava a situação da pandemia o fenômeno das *fake news*, isto é, conteúdo intencionalmente impreciso, falso, enfim, enganoso, com capacidade de viralização, que circula socialmente. Essa distribuição deliberada de desinformação e/ou de boatos, em distintos meios de comunicação, tem colaborado para a criação e fixação de realidades conflitantes para os diferentes grupos sociais brasileiros.

Nesse cenário, tem-se questionado o papel da opinião de não especialistas que se arvoram a tratar de uma questão sanitária de tamanha gravidade, além do fato de alguns se predisporem a propagar *fake news*. Esse quadro é característico de tempos da pós-verdade, quando fatos objetivos são menos influentes para formar a opinião do público do que suas emoções e crenças (D'ANCONA, 2018). Nesses tempos, ocorre uma série de negacionismos de fatos históricos, a exemplo da negação da ditadura no Brasil, ou do holocausto e esse fenômeno acontece, também, no âmbito da ciência.

Diante da ascensão do negacionismo científico, a exemplo da campanha contra vacinas, que já tem graves consequências como o retorno de doenças antes

¹ Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/07/10/coronavirus-covid-19-casos-mortos-10-julho.htm>. Acesso em: 11 jul. 2020.

controladas, o Brasil e o restante do mundo encontram-se em face de uma situação em que a propagação de opiniões sem fundamento científico e de *fake news* têm atingido resultados catastróficos, dificultando reter o avanço do novo vírus e da Covid-19. Por outro lado, essa nova situação pandêmica somada ao aumento da propagação de *fake news* têm atuado para que pessoas renovem a credibilidade na ciência, como mostra uma matéria da Superinteressante (2020)², e isto está contendo, de algum modo, essa postura anticientífica.

Em face da situação vivida nesses dias de 2020, julgamos relevante pensar como ciência, opinião de não especialistas e *fake news* podem ser conceptualizadas, no atual momento histórico, buscando compreender como metáforas e metonímias interagem com esquemas de imagem na construção desses conceitos em textos multimodais. Assim, considerando o atual estado de isolamento físico, e, diante dos textos que tratam dessa situação, realizamos um estudo acerca dessas conceptualizações em textos que circulam nas redes sociais on-line, porque, nesses espaços de interação, acontece a convergência de meios e modos semióticos, e, também, porque pessoas discutem, criam choças, satirizam e ironizam o problema. Dentre esses textos, optamos pelos memes verbo-imagéticos, já que usuários dessas redes se engajam para produzi-los e/ou viralizá-los, sendo esses um fenômeno de destaque na cultura da Internet. Isto posto, a seguir, aduzem-se os pressupostos teóricos que ampararam o estudo do corpus.

PARA EMBASAR A DISCUSSÃO: O APARATO TEÓRICO

A Linguística Cognitiva (doravante, LC) surgiu no cenário dos estudos da linguagem, nos finais dos anos 1970, e foi se constituindo como um campo do saber na década seguinte, quando foram publicadas algumas obras significativas da área, como *Women, fire and dangerous things*, de Lakoff, em 1987, e quando aconteceram seus primeiros eventos, como o *International Cognitive Linguistics Conference*, na Alemanha, em 1989, e a fundação da revista *Cognitive Linguistics*, bem como da coleção *Cognitive Linguistics Research*, em 1990 (SANTOS, 2011).

Hoje, passados 40 anos da publicação de uma de suas obras seminais – *Metaphors we live by*, de Lakoff e Johnson, em 1980 –, a área encontra-se

² Disponível em: <https://super.abril.com.br/ciencia/aumento-das-fake-news-faz-pessoas-acreditarem-mais-em-cientistas/>. Acesso em: 1 jul. 2020.

consolidada, em diferentes países, para além das fronteiras dos Estados Unidos, onde seus primeiros passos foram dados, de sorte que possui, por exemplo, inserção, em vários centros acadêmicos brasileiros, com presença solidificada em diversas universidades públicas do país, onde são produzidos estudos que dão contributos importantes para que se alcancem conhecimentos mais aproximados acerca do funcionamento da linguagem humana.

A LC, como observa Geeraerts (2006), é um arquipélago de teorias que se constitui por um conjunto de ilhas teóricas, mais ou menos próximas umas das outras, a exemplo da Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados, da Teoria dos Esquemas de Imagem, da Teoria da Metáfora Conceptual, da Teoria da Metáfora Multimodal, da Teoria Neural da Metáfora, da Teoria da Mesclagem, dentre outras propostas. Assim sendo, essas e outras teorias comungam pressupostos que as possibilitam ancorar no porto desse modelo, como o entendimento de existir continuidade entre linguagem e cognição, como a não dicotomização entre mente e corpo, entre conhecimentos linguístico e enciclopédico, entre léxico e gramática, além de serem os estudos da área orientados para o significado, alicerçados pelo uso autêntico da linguagem em situações reais de uso e abertos à interdisciplinaridade.

Entre seus objetos de estudo, acha-se a conceptualização, fruto da nossa capacidade de significar; para a LC, significado é conceptualização que, por sua parte, consiste em uma perspectivação do conceptualizador sobre aquilo que vivencia, sobre com quem interage, enfim, sobre todas suas experiências. Trazer o sujeito para compreender o fenômeno da conceptualização é assumir, além da perspectivação, a flexibilidade, a dinamicidade como dimensões constituintes do significado e vê-lo como um fruto de uma mente encarnada, isto é, corporificada, noção ancorada na tese do experiencialismo defendida pela LC.

A realidade humana é, então, por isso, constituída pela forma da espécie, como explicitam Maturana e Varela (2001), através da ideia de determinação estrutural; afinal, a experiência de algo é validada pela estrutura humana, como ressaltam esses autores. Ademais, a cognição, para LC, tem base cultural, como demonstram os estudos de Tomasello (2003), por conseguinte, o significado é compreendido como um fenômeno construído pela inter-relação entre as dimensões bio-psíquico-

cognitiva e geo-sócio-histórico-cultural-político-ideológica da vida humana, elaborado no uso das diferentes linguagens nas interações cotidianas.

Com base em premissas das ciências cognitivas, Lakoff, em 1987, propôs a noção de Modelos Cognitivos Idealizados (doravante, MCIs), entendidos como estruturas mentais que usamos para organizar nosso conhecimento, compreendidos em termos de corporalidade, com a inclusão de aspectos imaginativos da cognição, não sendo, portanto, representações internas da realidade externa. Cada MCI é um todo estruturado complexo, uma *gestalt*, com quatro princípios estruturadores: mapeamento metafórico e mapeamento metonímico, estrutura de esquemas de imagem e estrutura proposicional³.

A metáfora é, então, concebida como um mecanismo cognitivo de conceptualização que torna possível significarmos o mundo em que vivemos com seus agentes, espaços, tempos, bem como com suas outras dimensões e, em funcionamento, possibilita-nos compreender um conceito, parcialmente, em termos de outro, o que podemos representar, pela notação X É PARCIALMENTE Y ou DOMÍNIO ALVO É PARCIALMENTE DOMÍNIO ORIGEM⁴. A partir de um domínio fonte, mais próximo da nossa experiência física, mais concreto e bem conhecido, compreendemos um domínio alvo, mais próximo das nossas experiências emocionais, psíquicas, mais abstrato e pouco conhecido. O domínio fonte é a origem da estrutura conceptual importada para o alvo.

Com a metáfora, são feitos mapeamentos e inferências. Assim, por meio desse mecanismo, entendemos, por exemplo, uma doença parcialmente, em termos de uma guerra, de sorte que a metáfora conceptual DOENÇA/PANDEMIA É GUERRA orienta, entre outros padrões semânticos, o modo como vemos a doença, e, a partir de mapeamentos, fazemos inferências, viabilizando-nos entender que o coronavírus é um inimigo de guerra, os médicos e outros profissionais de saúde são guerreiros, o doente é um guerreiro ferido, os hospitais são campos de batalha e os governadores são generais.

As metáforas conceptuais orientam, assim, a criação do discurso, nas interações de que participamos, e, naquelas em que tratamos de doenças, por

³ Neste artigo, a estrutura proposicional não será enfocada, pois o recorte do estudo compreende os mapeamentos metafóricos e metonímicos estruturados por esquemas de imagem.

⁴ O uso de maiúsculas é a convenção da LC, para expressar as metáforas conceptuais.

exemplo, possibilitam a emergência de expressões metafóricas, como: “Um inimigo invisível que até o início do ano não era conhecido e que já matou mais de 425 mil pessoas ao redor do planeta⁵”; “[...] 'A guerra deve terminar só no ano que vem'⁶”; “Médicos na linha de frente do combate ao novo coronavírus no Brasil têm enfrentado desafios [...]”⁷; “Ana Rosa era uma profissional excelente [...] Era uma guerreira [...]”⁸; ““Como que a gente não vai entrar no campo de batalha?” [...] “Parece que nós profissionais da saúde somos uns soldados que foram treinados o tempo todo para a guerra. E a guerra chegou”⁹”; “Governadores adotam estratégias regionais de combate à Covid-19¹⁰”. Esses são exemplos de expressões metafóricas, entre outras convencionais e, também, criativas, que emergem, em situações de comunicação, em dias de pandemia, e que instanciam a metáfora DOENÇA/PANDEMIA É GUERRA.

As metáforas conceptuais são motivadas por nossa experiência sensório-motora. Emergem, assim, a partir da interação do nosso corpo com o mundo em que vivemos e, por percebemos o mundo através do nosso corpo, essas metáforas são fruto de uma mente corporificada e estão intrinsecamente inter-relacionadas à sócio-história e à cultura gerada em diferentes espaços. As metáforas corporificadas, por conseguinte, são ajustadas nas sociedades com suas culturas, no devir do tempo, como já observou Kövecses (2009).

Além disso, sendo esquemas abstratos do pensamento, as metáforas conceptuais são atualizadas para além das manifestações linguísticas, de tal sorte que suas expressões ocorrem, também, em outras linguagens, como a dança, a música, a pintura, bem como em objetos que criamos e que fazem parte do nosso

⁵ Disponível em: <https://www.metropoles.com/saude/conheca-as-4-principais-frentes-da-batalha-cientifica-contra-o-coronavirus>. Acesso em: 1 jul. 2020.

⁶ Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2020/06/24/interna_gerais,1159612/zema-coronavirus-em-minas-a-guerra-deve-terminar-so-no-ano-que-vem.shtml. Acesso em: 30 jun. 2020.

⁷ Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/bbc/2020/03/27/estamos-apavorados-drama-de-medicos-na-linha-de-frente-do-atendimento-ao-coronavirus-no-brasil.htm>. Acesso em: 1 jul. 2020.

⁸ Disponível em: <https://www.anamt.org.br/portal/2020/05/21/brasil-ultrapassa-a-marca-de-cem-medicos-mortos-por-covid-19-dois-por-dia/>. Acesso em: 1 jul. 2020.

⁹ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/05/a-guerra-chegou-dizem-medicos-enfermeiros-e-tecnicos-em-campo-no-pacaembu.shtml>. Acesso em: 1 jul. 2020.

¹⁰ Disponível em: <https://jovempan.com.br/programas/jornal-da-manha/governadores-estrategias-combate-covid-19.html>. Acesso em: 1 jul. 2020.

dia a dia. As metáforas são, ademais, multimodais, porque se dão no entrelaçamento de modos semióticos distintos.

No processamento metafórico multimodal, dois ou mais modos são acionados, simultaneamente. Forceville (2009) observa que, nesse caso, os domínios fonte e alvo são representados exclusivamente ou predominantemente por diferentes modos. Contudo, essas restrições podem ser questionadas, como problematizou Andrade (2016), por isso, optamos por uma definição mais geral do fenômeno, sem restringi-lo, visto que a não modalização não acarreta prejuízo para sua compreensão. Assim sendo, nesse processamento, o domínio fonte e o domínio alvo serão acionados por modos distintos e as expressões da metáfora multimodal não ocorrerão apenas por meio da linguagem verbal, mas também por outras formas de linguagem, tanto convencionais, como criativas e deliberadas, de maneira que os distintos modos semióticos interagirão, para que ocorra a instanciação de uma conceptualização metafórica multimodal.

Na LC, a metonímia, também, é concebida como um elemento da cognição e, assim como a metáfora, é vista como um mecanismo de conceptualização, além de ser, da mesma forma, compreendida como uma figura do pensamento e da ação que nos permite associar entidades conceptualmente contíguas em um mesmo domínio conceptual, possibilitando-nos a compreensão de um conceito em relação a outro. Também, através da metonímia, realizamos mapeamentos, mas, diferentemente do que ocorre no processamento metafórico, esses mapeamentos se dão em um mesmo domínio, pois, nesse fenômeno, um domínio fonte possibilita acesso ao domínio alvo, a partir de relações de contiguidade, de causalidade e, ainda, de interdependência; assim sendo, a metonímia torna possível o estabelecimento de conexões entre dimensões de um domínio conceptual.

Através da metonímia, então, destacamos um aspecto que julgamos mais importante daquilo que buscamos compreender, bem como podemos ressaltar uma parte de algo que conhecemos melhor, em detrimento de especificidades que não conhecemos bem ou que desconhecemos ou ainda que queremos omitir, de forma que, através da metonímia, procedemos a generalizações acerca de algo ou de alguém e, em sentido oposto, fazemos especificações para compreendermos algo ou alguém. Afinal, como destaca Lakoff (1987), comumente, pegamos um aspecto

bem entendido ou de fácil percepção de algo e o usamos no lugar de uma coisa ou de parte dessa mesma coisa.

Por meio de uma metonímia, por conseguinte, realçarmos elementos importantes de um conceito em detrimento de outros vistos como secundários. Como as metáforas, as metonímias conceptuais, que podem ser representadas através da notação X ESTÁ PARA Y¹¹, orientam a geração do discurso, no nosso dia a dia, e, naquelas em que tratamos da pandemia, por exemplo, viabilizam o uso de expressões metonímicas criativas, além das convencionais, como os seguintes exemplos: “O *Brasil* perdeu a guerra contra o coronavírus¹²”; “*Governo* do Brasil libera R\$ 9,4 bilhões para combate ao coronavírus¹³”. Essas expressões metonímicas convencionais instanciam, respectivamente, as metonímias PAÍS POR POPULAÇÃO e INSTITUIÇÃO POR GOVERNANTES.

Como a metáfora, a metonímia ajuda-nos a construir os espaços, as sociedades e as culturas nas diferentes temporalidades, sendo seu uso na linguagem inter-relacionado com essas dimensões da vida humana, para além da sua dimensão cognitiva. Assim sendo, o ser humano ajusta a metonímia, conforme motivações geo-sócio-histórico-culturais-político-ideológicas. Afinal, como notam Lakoff e Turner (1989), os conceitos metonímicos são sistemáticos integrantes do nosso sistema conceptual e da nossa cultura, bem como, pelo que entendemos, da nossa sociedade, em espaços e temporalidades distintas, e nos ajudam a organizar nossos pensamentos e ações. Além disso, os mapeamentos dos modelos cognitivos metafóricos e metonímicos nem sempre ocorrem separadamente, pois podem se mostrar entrelaçados, de forma simultânea em um texto, resultando no que Goossens (2002) denominou metaftonímia ou metafonímia.

Por ser um fenômeno da cognição, também, a metonímia não se limita ao verbal e pode emergir em distintas linguagens e objetos do nosso cotidiano, bem como é gerada pelo entrelaçamento de semioses diversas. A metonímia multimodal é aquela em que um mesmo domínio conceptual, zona ativa e ponto de referência

¹¹ O uso de maiúsculas é a convenção da LC, para expressar as metonímias conceptuais, assim como ocorre com as metáforas conceptuais, o que aqui já foi assinalado na nota 4.

¹² Disponível em: <https://jc.ne10.uol.com.br/colunas/politica-em-brasilia/2020/06/5611149-o-brasil-perdeu-a-guerra-contra-o-coronavirus--seja-em-brasilia--nos-governos-estaduais-ou-nas-prefeituras.html>. Acesso em: 1 jul. 2020.

¹³ Disponível em: <https://www.saude.gov.br/noticias/agencia-saude/46651-governo-do-brasil-libera-r-9-4-bilhoes-para-combate-ao-coronavirus>. Acesso em: 1 jul. 2020.

são ativados por diferentes modos e os mapeamentos do domínio fonte para o alvo podem acontecer pelo acionamento de distintos modos semióticos, como demonstrou Almeida (2016).

Para Forceville (2009), características da metonímia são aplicáveis aos seus tipos não verbais e multimodais, além dos verbais. Assim, um conceito/estrutura fonte, através de uma sugestão do modo de comunicação – verbal, visual, musical, gestual etc. – possibilita ao conceptualizador deduzir o conceito-estrutura alvo. Em um contexto, fonte e alvo são parte de um mesmo domínio conceptual. A seleção da origem metonímica coloca em destaque certo(s) aspecto(s) do alvo que, de outro modo, não seria(m) bem percebido(s), tornando o alvo acessível, sob uma determinada perspectiva e o(s) aspecto(s) posto(s) em destaque possui(em), em geral, dimensão avaliativa.

As metáforas e metonímias conceptuais são estruturadas por esquemas de imagem que, por sua parte, são um dos tipos de MCIs, propostos por Lakoff (1987), e, apesar de não haver, como ressalta Peña Cervel (2012), um consenso em relação ao que se entende por esquemas de imagem e de haver uma profícua discussão, em LC, sobre a questão, esses esquemas podem ser entendidos, através do conceito proposto por Johnson (1987, p. xiv), como sendo “um padrão recorrente e dinâmico de nossas interações perceptivas e programas motores que proporcionam coerência e estrutura à nossa experiência¹⁴”.

Os esquemas de imagem são, então, estruturas cognitivas criadas pela mente, desde o início da vida humana, a partir das experiências corporais, motoras e perceptuais, sendo, portanto, decorrentes da interação da nossa espécie com e no mundo; os esquemas de imagem, a exemplo de RECIPIENTE, ORIGEM-PERCURSO-META, ATRAÇÃO, CONTATO, FORÇA, PARTE-TODO, LIGAÇÃO, CENTRO-PERIFERIA, PARA CIMA, PARA BAIXO, são responsáveis pela estruturação da experiência ancorada no corpo e estão na base do significado linguageiro.

Johnson (1987) observa como os esquemas imagéticos atuam em nosso sistema conceptual, a partir do esquema imagético RECIPIENTE e demonstra, por meio de alguns exemplos, como a recorrência da experiência de entrar e sair nos espaços gera padrões que proporcionam o emergir do esquema imagético

¹⁴ Do original: “a recurring, and dynamic pattern of our perceptual interactions and motor programs that gives coherence and structure to our experience”.

RECIPIENTE, responsável, entre outros esquemas, por estruturar as nossas conceptualizações. Esse esquema, por exemplo, estrutura expressões metafóricas da metáfora conceptual DOENÇA/PANDEMIA É GUERRA, como: “Pandemia se transformou *em campo de batalha adicional* de uma guerra de informações existente [...]”¹⁵; “Trump ataca governadores *em batalha* com estados sobre isolamento”¹⁶. Essa metáfora, por sua parte, associa-se à metáfora mais geral POLÍTICA É GUERRA.

No que concerne ao papel dos esquemas de imagem na multimodalidade, Almeida (2016) observa que, ainda, há lacunas significativas, para que compreendamos o papel que desempenham na conceptualização multimodal, apesar da participação inconteste desses esquemas, estruturando os mapeamentos metafóricos e metonímicos em qualquer conceptualização, portanto, também, naquelas em que modos semióticos distintos se acham em interação para que o significado possa ser gerado pelos conceptualizadores.

Enfim, metáforas, metonímias e esquemas de imagem são onipresentes nos nossos pensamentos, nas nossas linguagem e ações. Em um multimodal verbo-imagético, por exemplo, as dimensões verbais e pictóricas inter-relacionam-se, para tornar possível a geração do sentido por um conceptualizador. Posta a discussão teórica, a seguir, expõe-se o arcabouço metodológico que alicerçou o estudo do corpus.

PARA CONSTRUIR O ESTUDO: A METODOLOGIA ADOTADA

Para proceder às discussões que seguem, optamos por selecionar e estudar dois memes extraídos de um corpus constituído por trinta textos verbo-imagéticos coletados em redes sociais, como Facebook, Instagram e Twiter. A escolha desses textos não foi aleatória, mas pautada em critérios pré-estabelecidos, de modo que definimos discorrer acerca de uma temática bastante propalada hodiernamente, que é o valor do conhecimento científico em contraponto com a opinião pessoal e as *fake*

¹⁵ Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/desinformação-em-tempos-de-coronavírus/a-52964778>. Acesso em: 1 jul. 2020.

¹⁶ Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/reuters/2020/04/17/trump-ataca-governadores-em-batalha-com-estados-sobre-isolamento-por-coronavirus.htm>. Acesso em: 1 jul. 2020.

news, sob o enfoque teórico-metodológico delineado pela LC. Optamos pelo gênero textual, meme¹⁷, devido ao seu poder de alcance a uma parcela da sociedade que usa redes sociais, e consideramos, mais especificamente, aqueles que, além de memes, atuam como virais.

Fizemos uma abordagem qualitativa do fenômeno da conceptualização, uma vez que o estudo se baseia na interpretação, usando pressupostos metodológicos das teorias adotadas para a averiguação da rede de significação que os textos propiciam em contextos reais e específicos de uso. Trata-se, também, de um trabalho de natureza exploratória e descritiva, pois, além de fundamentarmos o nosso ponto de vista em uma breve revisão bibliográfica e apresentarmos os exemplos, com a finalidade de auxiliar a compreensão sobre o que foi pesquisado, fazemos uma descrição dos elementos que compõem os textos selecionados. A partir desse desenho metodológico, realizamos o estudo do corpus cujos resultados expomos em seguida.

PARA APRESENTAR OS RESULTADOS: O ESTUDO DO CORPUS

O primeiro texto, identificado, a seguir, como Meme 1, foi postado na página *Jovens de Esquerda*, do Facebook, em 13/04/2020, e foi compartilhado por outras páginas e pessoas, como demonstram os resultados da pesquisa feita pelo motor de busca dessa rede, em 18/04/2020. Na referida página, houve 788 curtidas, 73 comentários e 438 compartilhamentos, até 08/07/2020, última data em que a acessamos.

¹⁷ Meme é um item léxico polissêmico. No dicionário Houaiss (2020), é definido como: “1 informação visual ou textual que se espalha pela rede [...]”. Pesquisadores que estudam memes de internet, por sua vez, diferenciam os memes dos virais, de sorte que é possível afirmar que a definição apresentada no Houaiss (2020), além de não abarcar os multimodais, compreende, apenas, os virais. A diferença entre esses dois fenômenos pode ser explicada, como feito no Museu do Meme, considerando o exemplo de uma gripe que, apesar de se espalhar socialmente, contaminando milhares de pessoas, segue sendo a mesma gripe, enquanto o meme pode ser entendido “como a família das variantes de uma ideia original que é apropriada e passa por transformações constantes enquanto avança pela sociedade” (SHELLY, 2020, n.p.). Também, há estudiosos que consideram o meme um gênero. Assim, Cortez (2016) concebe-o como um gênero que se enlaçam distintas semioses. Aqui, adotaremos essa última perspectiva, compreendendo que esses podem atuar, quando materializados, também, como virais.

Fig. 1 – Meme 01



Fonte: Disponível em: https://www.facebook.com/search/photos/?q=ci%C3%A7%C3%Aancia%20coronavirus%20meme&epa=SERP_TAB. Acesso em: 20 jun. 2020.

Nesse meme, ao visualizarmos a imagem de um ringue, em que vemos o item léxico *ciência*, de um lado, sobreposto à imagem de um lutador de sumô, imponente, pela sua estatura, pelo seu elevado peso corporal e pela sua provável experiência, depreendida por se tratar de um homem adulto, e, de outro lado, a expressão *sua opinião*, sobreposta à imagem de um menino, iniciante nessa luta, o que compreendemos por se tratar de uma criança, acionamos um conhecimento partilhado que temos de jogo de luta, e, mais especificamente, de jogo de sumô, que envolve luta corporal, adversários, ringue, regras, entre outros elementos, além dos saberes sobre a atividade científica e sobre opiniões de não especialistas acerca de questões urgentes, como a Covid-19.

Enquanto o homem, localizado à direita da imagem, é alto, pesado, robusto e adulto; a criança, à esquerda, é baixa, leve e franzina, o que demonstra uma aparente desproporção, ainda que, no sumô, esporte japonês milenar orientado por regras rígidas e disputado por atletas que gozam de prestígio social, não haja categorias de peso nem limites físicos ou etários, podendo, às vezes, um adversário pesar o dobro do outro ou ter uma significativa diferença de idade. Perde a disputa, porém, quem se desequilibra e encosta parte do corpo no chão ou sair do ringue. Por isso, uma das táticas mais comuns, nessa atividade esportiva, é empurrar o oponente, que, se for grande, mais forte, provavelmente, levará maior vantagem¹⁸.

Em (1), notamos que elementos verbais e pictóricos que constituem o meme entrecruzam-se, fundindo-se. Observamos que a metáfora multimodal predomina, no texto, já que, em casos como esse, não prevalece a metáfora puramente verbal nem

¹⁸ Disponível em: <https://www.japaoemfoco.com/curiosidades-sobre-o-sumo/>. Acesso em: 2 jul. 2020.

apenas a pictórica, mas a articulação de modelos semióticos distintos, em que os domínios alvo – CIÊNCIA e OPINIÃO – representados verbalmente, são compreendidos em termos dos domínios fonte, sugeridos visualmente pelas imagens do ser HUMANO/ADULTO/ LUTADOR DE SUMÔ, de um lado, e do SER HUMANO/ CRIANÇA/LUTADOR DE SUMÔ, de outro, respectivamente, ADVERSÁRIOS DO JOGO EM UM RINGUE.

Também, é possível identificar outras semioses em interação no texto, a exemplo do uso da fonte em caixa alta, da posição das duas palavras na imagem (ambas grafadas sobre os corpos humanos, acima das pernas), sendo que *ciência* está em uma posição superior, mais especificamente, na região abdominal do adulto, em que se concentram mais gordura, peso, força, e onde está o estômago, órgão que origina uma série de expressões linguísticas, dentre as quais, *ter estômago*¹⁹, que expressa a capacidade humana de enfrentar situações difíceis, e onde as mãos da criança não alcançam, enquanto *opinião* está mais abaixo, na região glútea, perpassando a área dos órgãos genitais do garoto (que se infere, ainda, imaturos), além do contraste de cores entre sinais gráficos e imagem (fundo escuro contrastando com as letras brancas e os tons da pele, sendo que o adulto tem o biotipo oriental do povo que domina o esporte em tela, e a criança, o biotipo ocidental de povos que habitam regiões onde essa prática não tem amplos espaços de realização).

Sem a indicação verbal e sem os diferentes modos semióticos entrecruzados nesse meme, possivelmente, não acionaríamos o sentido que construímos acerca dos domínios OPINIÃO e CIÊNCIA como um jogo; esse sentido se atualiza, por meio de metáforas conceptuais e convencionais, alicerçadas sem um nível de cognição mais estável e corporificado, que envolve tanto a personificação e a espacialização, quanto a experiência de jogar, verificadas em: CIÊNCIA É JOGO, OPINIÃO É JOGO²⁰, CIÊNCIA É SER HUMANO/ JOGADOR EXPERIENTE, OPINIÃO É SER

¹⁹ No Priberam (2020): estômago é definido como: “[...] 4. [Figurado] Capacidade para enfrentar ou suportar uma situação difícil, desagradável ou perigosa (ex.: há alguém com estômago para fazer esse trabalho?)”. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/estomago>. Acesso em: 8 jul. 2020. No Aulete (2020), acha-se a expressão *ter estômago* definida como: “1 Ser capaz de enfrentar ou lidar com (situação perigosa, desagradável, repugnante etc.)”. Disponível em: <http://www.aulete.com.br/estomago>. Acesso em: 8 jul. 2020.

²⁰ Poderíamos pensar na metáfora PRODUÇÃO DE VERDADE É JOGO, em uma dimensão mais esquemática. Contudo, essa metáfora ofuscaria a luta ideológica entre diferentes grupos sociais pela criação de realidades distintas que, atualmente, acontece em diferentes lugares do mundo.

HUMANO/JOGADOR INEXPERIENTE, CIÊNCIA É PARA CIMA, OPINIÃO É PARA BAIXO, CIÊNCIA É RECIPIENTE, OPINIÃO É RECIPIENTE, MAIOR É MELHOR, MENOR É PIOR, BOM É PARA DIREITA, RUIM É PARA ESQUERDA.

Essas metáforas conceptuais, por sua vez, nos permitem fazer inferências que emergem do que pensamos ser o papel discursivo-argumentativo do meme em questão e que são acionadas por nós, a partir das nossas vivências, percepções e conhecimento de mundo (nos últimos tempos, por exemplo, temos presenciado um cenário de “jogo” entre duas forças opostas: de um lado, estão aqueles que tentam desqualificar a validade dos estudos científicos e sua importância, e, de outro, os que resistem e continuam a fazer ciência); essa polarização culmina em inferências, como: ciência é poder, opinião é impotência.

Sobre a conceptualização da ciência como um jogo, Dias (2018) destaca que os filósofos Popper (1902-1994), e Kuhn (1922-1996), na primeira metade do século XX, já haviam utilizado essa metáfora para discorrer sobre a história, filosofia e lógica do pensamento científico. Para o primeiro, a ciência poderia ser comparada a um jogo de xadrez, enquanto, para o segundo, a ciência se assemelhava a um jogo de quebra-cabeças, mas, algumas vezes, a palavras cruzadas ou, também, ao xadrez. A similaridade apontada por ambos está na aplicação e execução de regras para nortear as ações praticadas pelos jogadores e cientistas. Seguindo esse mesmo raciocínio, um pouco depois, já na segunda metade do século XX, Rubem Alves (1933-2014) fez essa mesma conceptualização, ao relacionar a ciência com um jogo de quebra-cabeças, dentre vários outros que cita, na obra que, não por acaso, traz um título sugestivo sobre essa questão: *Filosofia da ciência: introdução ao jogo e suas regras* (ALVES, 1981). Esses usos recorrentes em distintos espaços e tempos indicam ser essa metáfora parte do nosso sistema conceptual.

O entrecruzamento de palavras, imagens e outros recursos semióticos já mencionados, permite-nos, ainda, identificar, no meme 1, mapeamentos metonímicos do tipo ITEM LÉXICO CIÊNCIA POR ATIVIDADE CIENTÍFICA; CIÊNCIA POR AGENTES, CONJUNTO DE TEORIAS, TÉCNICAS E MÉTODOS; ITEM LÉXICO OPINIÃO POR AÇÃO DE DIFUNDIR POSICIONAMENTO SEM APARATO TEÓRICO-METODOLÓGICO CIENTÍFICO, projetados em um mesmo domínio conceptual, por meio de elementos verbais e visuais expostos no texto. Também, no mesmo meme, identificamos a metonímia PARTE PELO TODO, ou

seja, perspectivamos o tamanho e a fragilidade da criança (PARTE) pelo ser humano (TODO) e o tamanho e força do lutador (PARTE) pelo ser humano (TODO). Observamos, ainda, no meme 1, mapeamentos imago-esquemáticos, em que visualizamos a imbricação dos esquemas de FORÇA DINÂMICA, de ORIGEM-PERCURSO-META, do RECIPIENTE e de CONTATO com os mapeamentos metafórico-metonímicos, em conjugação com os diferentes modelos semióticos.

Nesse multimodal, o esquema da FORÇA é perceptível, na medida em que identificamos duas forças envolvidas na interação, mas que se opõem e são materializadas, na imagem, pelas duas figuras humanas. Assim, temos duas energias opostas: uma força perspectivada, visualmente, na inclinação do corpo de um dos adversários e na projeção de suas mãos, e uma contraforça perspectivada na estaticidade do corpo e soberania do adversário. Em uma perspectiva perceptual, conceptualizamos as entidades opinião e ciência, como um movimento de forças que se conflitam no âmbito sócio-histórico-político-discursivo-ideológico.

Além desse, há o esquema ORIGEM-PERCURSO-META, o qual estrutura grande parte das nossas experiências, já que conceptualizamos diferentes conceitos em termos de uma orientação espacial. Esse esquema é evidenciado pela motricidade dos corpos dos dois personagens em foco, tanto no plano horizontal (para alcançar sucesso na luta e vencer, é preciso ter força para empurrar o adversário para frente e para fora do ringue), quanto no plano vertical (para alcançar o sucesso na luta e vencer, é preciso ter igual ou maior estatura que o adversário e este conhecimento acaba sendo projetado para o entendimento de ciência e opinião nesse meme).

Outros esquemas, como CONTATO e RECIPIENTE, também, estão na base dessas conceptualizações. O primeiro fica evidente, quando a criança põe as mãos sobre o abdômen do adversário, na tentativa de excluí-lo do jogo, exercendo sua força. E o segundo é ilustrado pela fronteira física, delineada pelos corpos humanos no espaço de dentro do ringue, ilustrando, conceptualmente, as fronteiras e o conflito entre o domínio intelectual e o senso comum na sociedade.

Feita a exposição dos resultados alcançados com o meme 1, passamos à exposição do estudo do meme 2 que, por sua parte, foi veiculado em 27/05/2020, na página *Clube da Biologia*, no Facebook. Até a data do último acesso, em 08/07/2020, teve 164 curtidas, 62 compartilhamentos e 9 comentários.

Fig. 2 – Meme 02



Fonte: Disponível em: <https://www.facebook.com/clubedabiologiarij/photos/a.403132876527918/1569370286570832/?type=3&theater>. Acesso em: 27 jun. 2020.

Em (2), a produção de sentidos, também, vai se efetivar na interação dos seus diferentes modos semióticos, bem como na conceptualização metafórico-metonímica-esquema-imagética. Então, se a imagem visual for retirada e, apenas, mantivermos a linguagem verbal, e, por outro lado, se só ficar a imagem dos três personagens, os sentidos a serem gerados poderão ser diferentes, uma vez que a mesma fotografia, se associada a outros conteúdos verbais, possibilitará outras interpretações e outras remixagens ou remodelagens, ganhando matizes semânticos, discursivos e sócio-ideológicos distintos²¹.

A fotografia utilizada, apesar de ter sido produzida em 2015, só depois de dois anos passou a ser usada como um meme. Sabemos que viralizou na internet, integrando outros textos multimodais. Segundo o site tecmundo.com.br, o meme do “namorado distraído” tomou conta da web e, “assim como outros memes e virais de antes, surgiu basicamente do nada”²². Antes disso, a foto fazia parte de um banco de imagens, que tinha por objetivo abastecer sites que as vendem sem cobrança de *royalties*.

Diante da pluralidade de signos que se combinam nesse texto multimodal, resultante da integração dos elementos verbais e não verbais que o compõem, é possível acessarmos não apenas o conhecimento partilhado de que dispomos sobre

²¹ Há exemplos desse meme circulando no Facebook, em que a imagem é mantida e o verbal alterado, em um, lemos: alho, brasileiro, alimentação e exercício, já em outro: coronavírus, brasileiro, dengue, respectivamente, para a passante, o namorado e a namorada.

²² Disponível em: <https://www.tecmundo.com.br/redes-sociais/121375-onde-surgiu-meme-namorado-distraido.htm>. Acesso em: 2 jul. 2020.

casais e as regras tácitas sobre respeito e ética na relação a dois, mas, sobretudo, a relevância da ciência em oposição à proliferação perniciosa e prejudicial das *fake news*, no contexto atual da Pandemia de Covid-19. A opção por personificar esses elementos e delimitar espaços ou lados do jogo, no meme, também diz sobre como estamos conceptualizando metafóricamente, metonimicamente e imago-esquemáticamente essas entidades discordantes.

Nesse texto, percebemos, mais uma vez, uma intenção de mostrar, de maneira jocosa, e, ao mesmo tempo, crítica, o movimento de duas forças incompatíveis na sociedade brasileira. De um lado, estão as *fake news* que atraem a atenção de uma parcela da população e são conceptualizadas, em termos de uma mulher atraente e passageira, e, de outro lado, está a ciência, em termos da namorada desrespeitada. O rapaz no centro da imagem, por sua vez, parece exercer o papel daquele que se deixa levar pelas aparências e se divide entre os dois lados, o certo/seguro e o errado/fortuito.

Na construção dos sentidos que emergem da integração dos diferentes modos semióticos, em (2), os domínios alvo CIÊNCIA e FAKE NEWS são personificados, ou seja, conceptualizados em termos do domínio fonte SER HUMANO, de modo que temos: CIÊNCIA É SER HUMANO/NAMORADA e FAKE NEWS É SER HUMANO/MULHER ATRAENTE PASSAGEIRA, sendo as especificidades criadas no discurso.

Além dessas conceptualizações, outros sentidos, também, podem ser construídos a partir do conjunto de semioses desse meme, os quais são acionados por conhecimentos partilhados, alicerçados em valores, crenças, emoções, experiências, papéis e comportamentos sociais dicotômicos, dos tipos: homem e mulher, aventura e estabilidade, fixo e duvidoso, bom e ruim, direito(a) e esquerdo(a), mão e contramão e, ainda, ciência e *fake news*.

Notamos, também, que a corporificação do significado, no texto, alia-se à sua espacialidade e direcionalidade, fazendo-nos inferir que os elementos verbais e imagéticos indicativos dos domínios alvo são conceptualizados em termos da posição que ocupam no espaço ou da direção que seguem, respectivamente, o que nos leva a depreender que BOM É PARA CIMA, RUIM É PARA BAIXO, e por extensão, CIÊNCIA É PARA CIMA, FAKE NEWS É PARA BAIXO, ao mesmo tempo em que CIÊNCIA É PARA DIREITA; FAKE NEWS É PARA ESQUERDA.

Verbalmente, esse meme sugere uma divergência ou separação entre dois domínios distintos, incompatíveis - CIÊNCIA e FAKE NEWS -, o que é reforçado visualmente, por meio do flagrante conflito entre dois dos personagens que o integram. Outros modos semióticos associados ao nosso conhecimento de mundo reforçam essa dualidade, como: a expressão facial do casal, o movimento do corpo do rapaz, a cor das roupas das mulheres (a namorada está usando uma blusa azul clara, uma cor fria, e a mulher que passa está usando uma blusa vermelha, uma cor quente, que costuma acionar conhecimentos sobre paixão, guerra), a direção que seguem (lados opostos: direito, a ciência, e esquerdo, as *fake news*²³) e a junção dos signos verbais em relação à imagem – o item léxicociência está acima da cabeça da namorada e *fake news* está sobre o coração da outra mulher, recobrindo-seus seios, acionando as metáforas, respectivamente: CIÊNCIA É SER HUMANO/NAMORADA e FAKE NEWS É SER HUMANO/MULHER ATRAENTE PASSAGEIRA, sendo a conceptualização, também neste caso, tipo metonímica RACIONALIDADE POR CIÊNCIA e EMOÇÃO POR FAKE NEWS, de modo a integrar metáforas e metonímia, constituindo uma metaftonímia.

Em síntese, o enfoque dado por quem criou e ratificado por quem postou o texto valida e legitima a importância da ciência em detrimento das *fake news*, ambas perspectivadas metonimicamente, em termos de PARTE PELO TODO, ou seja, se materializam imageticamente no texto por meio de personagens que acionam papéis sociais estereotipados, como “namorada ciumenta” e o “namorado descompreendido”, em lugar de pessoas identificadas. Ademais, ocorrem as metonímias ITEM LÉXICO CIÊNCIA POR ATIVIDADE CIENTÍFICA, CIÊNCIA POR AGENTES, CONJUNTO DE TEORIAS, TÉCNICAS E MÉTODOS, ITEM LÉXICO FAKE NEWS POR AÇÃO DE GERAR DESINFORMAÇÃO PROPOSITADAMENTE, além de BUSTO POR PESSOA.

Além do que já foi observado, identificamos os esquemas de FORÇA, uma vez que há duas forças que se opõem, uma é a ciência que repele, e a outra é a

²³ Há saberes construídos que indicam a existência de uma negatividade imaginativa no conceito esquerdo, o que acontece, também, no meme 1; isto é possível verificar no verbete esquerdo do dicionário Houaiss (2020): “1 relativo ao lado esquerdo; sinistro, sestro/[...]4 m.q. canhoto (adj.)/5 desajeitado, canhestro; gauche/6 constrangedor, desagradável, incômodo <ficou numa situação e. ao ser promovido antes dos mais antigos>/7 de má vontade; de viés; atravessado, oblíquo <ela lançou um olhar e. para a rival>/8 desfavorável, adverso, funesto, aziago”. Disponível em: https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v5-4/html/index.php#4. Acesso em: 2 jul. 2020.

contraforça, *fake news*, que atrai; CENTRO/PERIFERIA, porque as personagens, conceptualizadas como ciência e *fake news*, estão situadas periféricamente na imagem, enquanto o rapaz está no centro, dividido, tal como a sociedade; CONTATO, pois há um elo, mãos dadas, unindo dois dos três elementos, e ORIGEM-PERCURSO-META, pois perspectivamos o deslocamento da ciência e da *fake news* em direções opostas. Essa inferência se deve ao fato de a imagem não reproduzir uma realidade estática, mas dinâmica, embora flagrada pela fotografia.

PARA FECHAR E ABRIR DISCUSSÕES: ÚLTIMAS CONSIDERAÇÕES

O conjunto dos diferentes modos semióticos que integram os memes 1 e 2 refletem mapeamentos conceituais não apenas metafóricos, mas metonímicos e esquema-imagéticos, fazendo surgir uma emergência, que é o próprio meme, cuja função ultrapassa o brincar ou fazer piada sobre algo, de forma despreziosa, porque estimula a discussão e a reflexão crítica sobre questões sérias, como a relevância do investimento em ciência e os prejuízos causados à sociedade pelo consumo e propagação de *fake news* ou opiniões não fundamentadas, baseadas no senso comum e sem comprovação científica. Também, foi possível constatar que as dimensões verbais e não verbais de um texto inter-relacionam-se para tornar possível a geração do sentido por seu leitor-conceitualizador e é a partir do entrelaçamento desses modos semióticos distintos que emerge a conceptualização em multimodais.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. A. D. Brasil, 2015: como a presidenta, seu partido, seus eleitores e seu governo podem ser conceptualizados em rede social. **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v. 20, n. 40, p. 99-118, 2016. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/P.2358-3428.2016v20n40p99/11080>. Acesso em: 26 jun. 2020.

ALVES, R. **Filosofia da ciência**: introdução ao jogo e suas regras. São Paulo: Brasiliense, 1981.

ANDRADE, A. D. de. **Metáforas multimodais em anúncios publicitários impressos**. 2016. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016.

D'ANCONA, M. **Pós-verdade**: a nova guerra contra os fatos em tempos da Fake News. Tradução de C. Szlakj. Barueri: Faro Editorial, 2018.

DIAS, E. de A. A ciência como um jogo em Popper. **Griot: Revista de Filosofia**, Amargosa, v. 19, n. 3, p. 327-337, out. 2019.

ESTÔMAGO. *In*: Aulete Digital. [Rio de Janeiro: Lexicon Editora Digital], 2008-2020. Disponível em: <http://www.aulete.com.br/estomago>. Acesso em: 8 jul. 2020.

ESTÔMAGO. *In*: Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. [Lisboa: Priberam Informática], 2008-2020. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/estomago>. Acesso em: 8 jul. 2020.

FORCEVILLE, C. Metonymy in visual and audiovisual discourse. *In*: VENTOLA, E.; MOYA GUIJARRO, A. J. (ed.). **The World Told and the World Shown**: Issues in Multisemiotics. Basingstoke: Palgrave Mac Millan, 2009. p. 56-74.

GEERAERTS, D. Prototype theory. *In*: GEERAERTS, D. (ed.). **Cognitive Linguistics**: Basic Readings. Berlim: Mouton de Gruyter, 2006. n.p.

GOOSSENS, L. Metaphtonymy: the interaction of metaphor and metonymy in expressions for linguistic action. *In*: DIRVEN, R.; PÖRINGS, R. (ed.). **Metaphor and metonymy in comparison and contrast**. Berlim: Mouton de Gruyter, 2002. p. 349-377.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. **Dicionário Houaiss**. São Paulo: Moderna, 2011.

JOHNSON, M. **The body in the mind**: the bodily basis of meaning, imagination, and reason. Chicago: The University Chicago Presss, 1987.

KÖVECSES, Z. Universalidade versus não universalidade metafórica. **Cadernos de Tradução**, [s. l.], n. 25, p. 257-277, 2009.

LAKOFF, G. **Metaphors we live by**. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.

LAKOFF, G. **Women, fire and dangerous things**: what categories reveal about the mind. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, G.; TURNER, M. **More than cool reason**. Chicago: The University of Chicago Press, 1989.

MATURANA, H. R.; VARELA, F. G. **A árvore do conhecimento**: as bases biológicas da compreensão humana. Tradução de H. Mariotti e L. Diskin. São Paulo: Palas Athena, 2001 [1984].

PEÑA CERVEL, M. S. Los esquemas de imagen. *In*: IBARETXE-ANTUÑANO, I. VALENZUELA, J. (coord.). **Linguística cognitiva**. Barcelona: Anthropos, 2012. p. 69-96.

SANTOS, E. S. dos. **A polissemia do verbo “tomar” ao longo da história da Língua Portuguesa**: um estudo à luz da linguística cognitiva. 2011. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011.

SHELLY, G. Quando o viral vira meme: a propagação do coronavírus na internet. *In*: MUSEU DE MEMES. Niterói, 11 abr. 2020. Disponível em: <https://www.museudememes.com.br/quando-o-viral-vira-meme-a-propagacao-do-coronavirus-na-internet/>. Acesso em: 7 jul. 2020.

TOMASELLO, M. **Origens culturais da aquisição do conhecimento humano**. Tradução de C. Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

Sobre as autoras

Aurelina Ariadne Domingues Almeida

Doutora em Letras pela Universidade Federal da Bahia, pós-doutora em Linguística pela Universidade do Estado da Bahia (PNPD-CAPEs). Professora associada do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, atuando na sua Graduação em Letras e no seu Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura. Dedicase aos seguintes temas de pesquisa: sistemas adaptativos complexos; história do sistema conceptual; categorização, conceptualização, multimodalidade e memes. Organizou coletâneas e escreveu artigos que constam de livros e periódicos. Orienta estudos de iniciação científica, mestrado e doutorado.

Elisângela Santana dos Santos

Doutora em Letras pela Universidade Federal da Bahia, tendo realizado estudos na Universidade Católica Portuguesa (PDEE-CAPEs). Atualmente, é Professora Titular do curso de Licenciatura em Letras, Língua Portuguesa e Literaturas da Universidade do Estado da Bahia, onde também é professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens. Desenvolve pesquisas sobre história da língua portuguesa, semântica cognitiva, polissemia, livros didáticos e multimodalidade. Organizou coletâneas e escreveu artigos que constam de livros e periódicos. Orienta estudos de iniciação científica e mestrado.